

MARIA PAULA MENESES
E BRUNO SENA MARTINS
(Org.)

As Guerras de Libertação e os Sonhos Coloniais

Alianças secretas, mapas imaginados

Prefácio por Boaventura de Sousa Santos



AS GUERRAS DE LIBERTAÇÃO E OS SONHOS COLONIAIS: ALIANÇAS SECRETAS, MAPAS IMAGINADOS

ORGANIZAÇÃO

Maria Paula Meneses e Bruno Sena Martins

AUTORES

Amélia Neves de Souto | Aniceto Afonso | Bruno Sena Martins | Carlos de Matos Gomes
Catarina Gomes | Celso Braga Rosa | Maria Paula Meneses | Miguel Cardina

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n.ºs 76, 78 e 80 – 3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901

www.almedina.net · editora@almedina.net

DESIGN DE CAPA

FBA.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

??????

Agosto, 2013

DEPÓSITO LEGAL

??????/13

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

As Guerras de Libertação e os Sonhos Coloniais:

Alianças Secretas, Mapas Imaginados

Org. Maria Paula Meneses, Bruno Sena Martins (CES)

ISBN 978-972-40-5196-3

I – MENESES, Maria Paula

II – MARTINS, Bruno Sena

CDU 325

355

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO	9
<i>Boaventura de Sousa Santos</i>	
INTRODUÇÃO: O <i>Exercício Alcora</i> no jogo das alianças secretas	15
<i>Maria Paula Meneses e Bruno Sena Martins</i>	
Violência, Testemunho e Sociedade: Incómodos e silêncios em torno da memória da ditadura	29
<i>Miguel Cardina</i>	
O Olho do Furação? A África Austral no contexto da Guerra Fria (década de 70)	41
<i>Maria Paula Meneses</i>	
Regressos? Os <i>retornados</i> na (des)colonização portuguesa	59
<i>Maria Paula Meneses e Catarina Gomes</i>	
<i>Exercício Alcora</i> : Um projeto para a África Austral	109
<i>Aniceto Afonso</i>	
A Africanização na Guerra Colonial e as suas Sequelas	
Tropas Locais – Os vilões nos ventos da História	123
<i>Carlos de Matos Gomes</i>	
Relações entre Portugal, África do Sul e Rodésia do Sul e o <i>Exercício ALCORA</i> : Elementos fundamentais na estratégia da condução da guerra – 1960-1974	143
<i>Amélia Neves de Souto</i>	
Estilhaços do <i>Exercício Alcora</i> : O epílogo dos sonhos coloniais	171
<i>Maria Paula Meneses, Celso Braga Rosa e Bruno Sena Martins</i>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179
LISTA DE ACRÓNIMOS	189
NOTA SOBRE OS AUTORES	193

AGRADECIMENTOS

Aos que aceitaram participar no projeto que resultou neste livro, com quem partilhamos saberes e trabalho;

A preciosa colaboração dos colegas que têm trabalhado em vários aspetos deste projeto e que nos apoiaram em múltiplas ocasiões, e, em especial, à Iolanda Vasile e à Carolina Peixoto;

A todos que participaram nos vários encontros públicos de discussão deste tema, pelo importante contributo em informações e ideias que permitiram o enriquecimento do estudo;

Ao Centro de Estudos Sociais que apoiou a realização do Colóquio internacional que está na origem deste livro;

À Natércia Coimbra e, através dela, ao Centro de Documentação 25 de Abril, parceiros deste projeto;

Ao Ministério da Defesa e à Fundação para a Ciência e Tecnologia (fcomp-01-0124-feder-009271/fcomp-01-0124-FEDER-019531/fcomp-01-0124-FEDER-008664), que criaram as condições para a realização do trabalho que esteve na base deste livro;

A todos os arquivos e bibliotecas consultados, pelo apoio dado;

Às associações de militares que nos apoiaram até ao fim, tornando possível que este livro hoje esteja nas suas mãos.

ESTILHAÇOS DO *EXERCÍCIO ALCORA*: O EPÍLOGO DOS SONHOS COLONIAIS

Maria Paula Meneses, Celso Braga Rosa e Bruno Sena Martins

Introdução

Numa época que tinha a Guerra Fria como pano de fundo, o *Exercício Alcora* substanciou militarmente um projeto colonial-capitalista, de matriz ocidental, para a África Austral. Cingindo os interesses da África do Sul, da Rodésia e de um Portugal imperial, então governado por uma ditadura,¹ esta aliança pretendia fazer frente às vagas nacionalistas que percorriam o continente africano. Enquanto reação às exigências de independência e autodeterminação africanas, o *Alcora* permitiu aos três países envolvidos a reinvenção estratégica de um *status quo* que o tempo viria a provar insustentável: a continuação da hegemonia branca no panorama político da África Austral. O ‘inimigo’ comum dos três países – o comunismo e o nacionalismo africano – agregava o II e o III Mundos.² Para Portugal, este acordo simbolizava um enorme apoio na luta pelo controlo das ‘Províncias Ultramarinas’ de Angola e Moçambique; no caso rodesiano, a participação no acordo assegurava um reforço da luta contra os movimentos nacionalistas, inimigos categóricos do projeto de Declaração Unilateral de Independência;³ finalmente, para a África do Sul, avalizava a preservação da sua estrutura política, económica e cultural através da construção de um cordão defensivo formado pelos territórios de Angola, Rodésia e Moçambique.

Esta aliança, pela magnitude de forças militares que envolveu na luta pelo reforço do controlo minoritário branco, não seria totalmente desmantelada com as independências de Moçambique e Angola em 1975. Pelo contrário, muito do seu dispositivo bélico viria, mais tarde, a ressurgir integrado noutros cenários, envolvido noutros conflitos.

¹ Para uma contextualização da situação política portuguesa neste período ver o capítulo de Miguel Cardina, neste volume.

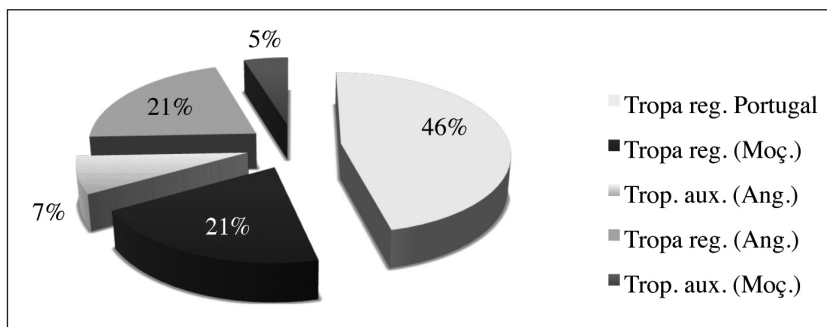
² Ver ‘Conceito estratégico militar dos Países ALCORA (3 volumes), de 1972’, Arquivo da Defesa Nacional, cx. 6179.1.

³ Em inglês UDI (Unilateral Declaration of Independence). Foi assinada, e proclamada, a 11 de novembro de 1965, pela administração de Ian Smith.

Pouco tempo após o início da guerra em 1961, no norte de Angola, as tropas portuguesas começaram a entrar rapidamente em situação de desgaste e rutura, crescentemente exauridas e vulneráveis. Como consequência desta situação, Portugal reforçaria o recrutamento local para as suas Forças Armadas.

Porém, a presença de tropas de recrutamento local começou verdadeiramente a fazer-se sentir em meados da década de 1960, altura em que o Portugal metropolitano se encontrava já esgotado de homens passíveis de serem recrutados para combater na Guerra Colonial em África.⁴ Naturalmente, existiam críticos deste processo,⁵ visões segundo as quais todos os africanos seriam terroristas potenciais. Mas as vantagens na utilização de soldados africanos eram por demais ‘evidentes’⁶: 1) constituíam uma fonte alternativa de recrutamento; 2) permitiam poupar nos custos do transporte marítimo ou aéreo desde a metrópole; 3) adaptavam-se melhor ao terreno; 4) estavam inseridos nas culturas locais, entrosando-se melhor com as populações; 5) resistiam melhor às exigências do clima e às doenças tropicais; 6) as suas mortes ou ferimentos causavam menor impacto na opinião pública da metrópole.

FIGURA 1
Proporção das diferentes forças (metropolitanas, incorporação local e auxiliares) na África Austral (1960-1973)



Fonte: Dossier ‘Guerra Colonial’, em www.guerracolonial.org

⁴ Ver capítulo de Aniceto Afonso, neste volume. Para um desenvolvimento do tema da Guerra Colonial ver Afonso e Gomes (2010).

⁵ Como o General Kaulza de Arriaga, chefe das tropas portuguesas em Moçambique.

⁶ Seguimos de perto João Paulo Borges Coelho (2003: 182).

Este processo, que está na origem de uma crescente militarização das populações locais conduziria, porém, à abertura de uma caixa de Pandora. Após as independências de Angola e Moçambique, elementos seja do Exército regular português, seja das tropas especiais africanas, altamente treinadas, seriam deixados para trás em países recém independentes, gerando-se o sério problema da sua reabsorção pelo respetivo tecido social.⁷

Génese da violência

João Paulo Borges Coelho, num artigo publicado na *Lusotopie*, intitulado ‘Da Violência Colonial Ordenada à Ordem Pós-Colonial Violenta’ (2003), levanta a importante questão de como países enfraquecidos por guerras coloniais/de libertação tão longas e com tal grau de destruição foram, ainda assim, capazes de transportar em si um tão assinalável ‘potencial de violência’. Uma tal questão só pode ser explicada através de um olhar atento às dinâmicas da Guerra Colonial/de Libertação:

Temos que partir, portanto, do desenho dos contextos prevaletentes à época, nos anos imediatamente anteriores e posteriores às independências desses países, relacionando dentro desses contextos algumas séries hipotéticas de factores que colaboraram para a construção desse potencial de violência, ou seja, que favoreceram o acumular de tensões nessas sociedades e fizeram com que elas se manifestassem de forma aberta após a independência (Coelho, 2003: 176, 177).

Assim, as novas guerras, marcadas por um elevado grau de violência, que se repercutiria fortemente sobre as populações, acabariam por se arrastar no tempo; as ditas guerras civis de Moçambique e Angola só chegariam ao seu termo, respetivamente, em 1992 e 2002. Como refere João Paulo Borges Coelho (2003), na análise desta perpetuação da violência devem ser tomados em consideração vários factores precipitantes: 1) factores de origem externa ou regional; 2) conflitos internos no seio dos próprios movimentos independentistas; e 3) uma radical substituição de Estados originada por um rápido processo de descolonização.⁸

⁷ Ver capítulo de Carlos de Matos Gomes, neste volume, e Coelho (2002).

⁸ Na verdade, ‘um Estado colonial extremamente autoritário e controlador deu lugar a Estados aparentemente fortes,’ ou seja, estaríamos perante Estados frágeis que procurariam suprir as suas debilidades através de ‘uma postura autoritária [que] foi sem dúvida um factor indutor de uma potencial carga de violência’ (Coelho, 2003: 176).

Como fatores de origem externa/regional, há a considerar quer as dinâmicas daquilo que muitos consideraram um ‘subsistema’ da Guerra Fria na África Austral,⁹ quer o lastro da ‘aliança branca’ materializada no *Exercício Alcora*. Há, portanto, um transporte para os conflitos pós-coloniais de muitos dos elementos imanentes às lógicas estratégicas dos conflitos coloniais que os precederam. Deste modo,

(...) a guerra colonial foi muito mais que um mero conflito de ocupação datado dentro das balizas cronológicas que normalmente lhe são atribuídas, induzindo, pelo contrário, sobretudo na sua fase final após 1968, uma militarização da sociedade que nos dá razões para afirmar que por trás desse conflito se escondia já o germe de um conflito civil (Coelho, 2003: 177).

É precisamente a partir desta ideia que sustentamos que o *Exercício Alcora* terá de ser seriamente compreendido tendo em consideração o modo como o seu impacto transcendeu as leituras convencionais da Guerra Colonial, seja para além da cronologia estrita em que esta tende a ser analisada, seja para além das fronteiras políticas em que os conflitos que se lhe seguiram tendem a ser descritos.

A militarização das sociedades que viriam a ser fortemente afetadas pelas ditas guerras civis operou-se a vários níveis. Em primeiro lugar, operou-se ao nível do recrutamento de efetivos para o Exército colonial, o que é usual em situações de guerra. Mas isto só por si não bastava. Partindo da premissa de que ganharia a guerra quem tivesse do seu lado as populações, procurou-se, igualmente, reforçar uma ação psicossocial entre as populações sob administração portuguesa. Para esse efeito, a concentração das populações em aldeamentos cumpriu um papel vital. Estes aldeamentos, na prática, funcionavam como verdadeiros campos de concentração, onde as autoridades coloniais criavam um mecanismo de defesa através do recrutamento e constituição locais de grupos de milícias. As novas milícias criadas multiplicariam e intensificariam tensões, encontrando-se na origem do surgimento de novas formas de violência. O ‘potencial de violência’ gerado com os aldeamentos prender-se-ia também com a desestruturação – social e territorial – inerente ao deslocamento compulsivo das populações.¹⁰

⁹ Ver capítulo de Paula Meneses, neste volume.

¹⁰ Para um desenvolvimento deste ponto ver Coelho (2003: pp. 181-182).

O ‘fim’ do *Alcora*

Com o Golpe de Estado em Portugal, em 1974 – e subsequentes conversações mantidas pelas novas autoridades políticas portuguesas com os líderes dos principais movimentos independentistas, com vista à transição de poderes –, a ‘aliança branca’ consubstanciada no *Exercício Alcora* iria sofrer um rude golpe. O abandono português do xadrez militar africano alterou radicalmente o balanço de poder na África Austral, representando igualmente o inevitável abandono do acordo tripartido *Alcora*. Num curto espaço de tempo, desta forma, os flancos ocidental e oriental do cordão protetor da África do Sul – que a separavam da ‘África negra’ – colapsaram. Angola e Moçambique – colónias de ocupação onde viviam milhares de portugueses e descendentes de portugueses já nascidos no local¹¹ – em breve se tornariam Estados independentes onde os combatentes pela liberdade da Rodésia, Sudoeste Africano e da África do Sul poderiam encontrar refúgio e apoio, estabelecendo ali as suas bases. Tal desenlace criou acrescidas dificuldades aos países ainda controlados por uma minoria branca. Mas o projeto inerente à constituição do *Exercício Alcora* não se esgotaria com o seu fim, em 1974, após a revolução de 25 de Abril em Portugal.¹² Com o *Exercício Alcora*, tinham sido plantadas sementes que resistiriam à retirada de Portugal e às consequentes independências de Angola e Moçambique. Porque a África do Sul e a Rodésia se sentiam fragilizadas com os ventos de mudança que, enfim, chegaram às suas fronteiras, o apoio aberto ou encapotado às oposições aos regimes consagrados pelas independências manter-se-ia bem presente.

O colapso do império colonial português levou a que novas estratégias viessem a ser estudadas pelos dois regimes brancos remanescentes do *Exercício Alcora*. No caso da Rodésia, um Moçambique independente, governado por um regime político que transitara de um movimento de libertação, representava dois perigos fundamentais: por um lado alargava a fronteira rodesiana exposta

¹¹ E de onde milhares de pessoas saíam desde pouco antes da transição de poderes, inundando a metrópole com uma população extra para a qual não tinha respostas capazes. Ver capítulo de Paula Meneses e Catarina Gomes, neste volume.

¹² Um exemplo ilustrativo da perpetuação das lógicas forjadas nas alianças que o *Exercício Alcora* sedimentou é o percurso de Cornelius Van Niekerk. Tendo sido oficial de ligação sul-africano junto do Comando Militar de Moçambique (em Nampula) (Coccia, 2011: 61), em 1979 foi nomeado chefe da Unidade de Tarefas Especiais junto do Departamento de Inteligência Militar do Exército Sul-Africano – uma unidade clandestina que apoiava as operações da RENAMO, em Moçambique (Minter, 1998a: 10-13), e da UNITA, em Angola (O’Brien, 2011: 121).

à infiltração da guerrilha nacionalista e, por outro, ameaçava o vital acesso ao mar. O apoio de Moçambique à luta nacionalista da guerrilha zimbabueana e a adoção das sanções da ONU contra a Rodésia resultaram no corte de relações com a Rodésia e na emergência de uma guerra entre os dois Estados, enquanto os serviços secretos rodésianos (e sul-africanos, posteriormente) apoiavam a formação do MNR.¹³

No caso da África do Sul, as frentes de ameaça eram várias. Procurando confrontá-las, além de munir os inimigos dos seus inimigos, o Exército Sul-Africano realizava, abertamente ou de forma clandestina, operações de retaliação ou de ‘limpeza’ contra países vizinhos, que acusava de darem apoio aos oponentes da nação.¹⁴ Mas o que é real é a militarização do Estado sul-africano, facto que levou alguns académicos a sinalizar a transformação da África do Sul de um estado policial, sob a liderança de J. B. Vorster, para um estado militar, no governo de P. W. Botha. Esta militarização da África do Sul, como não poderia deixar de ser, teve como centrar correlato a persistência de conflitos com os países que não partilhavam os mesmos objetivos políticos da África do Sul do *apartheid* (Cock e Nathan, 1989).

Conclusão

Angola e Moçambique emergiram como nações independentes num contexto regional extremamente hostil. Para este contexto convergia o lastro deixado pela africanização de tropas da Guerra Colonial/de Libertação bem como os esforços da Rodésia (até 1980) e da África do Sul. Abrindo pistas para possíveis trilhos de investigação, e seguindo a proposta de João Paulo Borges Coelho (2009), as independências de Moçambique e Angola devem ser lidas, também, como um momento político que correspondeu a uma profunda alteração da geopolítica na África Austral. Estas independências deixavam claramente antever que a ‘solução branca’ – que muitos tinham como uma situação de exceção na região –, tinha os seus dias contados. Com a independência de Moçambique e Angola os

¹³ Por si só esta criação exógena não explica a adesão rápida de um importante número de moçambicanos ao contingente rebelde. É por isso necessário ter em conta outros fatores, incluindo, como Coelho (2003) sublinha, a persistência de situações de pobreza, a distância temporal em relação a um conflito anterior, a dominância étnica e, ainda, a instabilidade política.

¹⁴ No contexto angolano, a África do Sul irá contar, durante muito tempo, com o apoio da UNITA, na realização de ações contra o MPLA, movimento nacionalista que entretanto chegara ao poder e se transformara em partido político.

resultados começaram, lentamente, a produzir os seus efeitos também na África do Sul e na Rodésia na era pós-*détente*,¹⁵ quando as forças nacionalistas zimbábueanas passaram a dispor, para além da Zâmbia e da Tanzânia, dos territórios de Moçambique para treino e trânsito das suas guerrilhas (Ellert, 1993: 11).

Em suma, a ligação estrutural entre as ‘guerras civis’ que as ex-colónias portuguesas na África Austral conheceram – após as suas independências – ao conflito anterior a que o *Exercício Alcora* procurava dar resposta, aponta exatamente para a necessidade de se analisarem as regiões e os seus contextos. Os arquivos, como é o caso para o *Exercício Alcora*, revelam que os conflitos que a África Austral atravessou não foram tão simples como pensávamos terem sido. Não foram apenas resultado de uma luta pelo poder e pelo controlo dos meios de produção. Não foram apenas um conflito financiado pelo ocidente para ganhar o acesso e controlo das riquezas dos territórios. Não foram apenas o cenário de uma versão quente da Guerra Fria. Foram também resultado de algo que esteve, até muito recentemente, enterrado em arquivos e relatórios secretos: o nascimento de um projeto político branco para a África Austral, um mapa imaginado onde coubessem, ainda, os sonhos coloniais.

¹⁵ Nome da ofensiva diplomática lançada em outubro de 1974 por Vorster, cujo objetivo era congrega os estados da África Austral numa constelação de estados, independentes (CONSAS), mas conjugando regionalmente as suas políticas, de novo, ‘contra os inimigos comuns’ (Geldenhuis, 1981: 2-3). Esta proposta caiu na sequência da invasão de Angola pela África do Sul (1975-1976) e da brutal repressão do levantamento do Soweto, em junho de 1976. No seu conjunto, estes dois elementos afetaram profundamente as relações da África do Sul com os países vizinhos (Maharaj, 1990: 100).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adam, Yussuf (1993), 'Mueda, 1917-1990: Resistência, colonialismo, libertação e desenvolvimento', *Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, 14: 9-101.
- Afonso, Aniceto; Gomes, Carlos Matos (2010), *Os Anos da Guerra Colonial: 1961-1975*. Matosinhos: Quidnovi.
- Alexander, Jocelyn; McGregor, JoAnn; Ranger, Terence (2000), *Violence and Memory. One hundred years in the 'dark forests' of Matabeleland*. Oxford: James Currey.
- Alexandre, Valentim (2000), *Velho Brasil, Novas Áfricas: Portugal e o império (1808-1975)*. Porto: Afrontamento.
- Anderson, Perry (1962), 'Portugal and the End of Ultra-Colonialism', *New Left Review*, 1 (16): 88-123.
- Andrade, Mário Pinto (1998), *Origens do Nacionalismo Africano: Continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa, 1911-1961*. Lisboa: D. Quixote.
- Antunes, José Freire (1985), *Cartas Particulares a Marcello Caetano*. 2º volume. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Antze, Paul; Lambek, Michael (1996), 'Preface', in Paul Antze e Michael Lambek (orgs.), *Tense Past: Cultural essays in trauma and memory*. Nova Iorque: Routledge, i-ix.
- Baganha, Maria Ioannis; Góis, Pedro (1998), 'Migrações Internacionais de e para Portugal: O que sabemos e para onde vamos?', *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52-53: 229-277.
- Balandier, Georges (1951), 'La Situation Coloniale: Approche théorique', *Cahiers internationaux de Sociologie*, 11: 44-79.
- Bender, Gerald J. (1978), *Angola Under the Portuguese: The myth and the reality*. Berkeley: University of California Press.
- Birmingham, David (1998a), *Kwame Nkrumah: The father of African nationalism*. Ohio: Ohio University Press. (Artigo Matos Gomes)
- Birmingham, David (1998b), *História de Portugal. Uma perspectiva mundial*. Lisboa: Terramar. (Artigo retornados)
- Bragança, Aquino; Wallerstein, Immanuel (1978), *Quem é o Inimigo (I, II e III)?*. Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- Bragança, Aquino de (1986), 'Independência sem Descolonização: A transferência do poder em Moçambique, 1974-1975', *Estudos Moçambicanos*, 5/6: 7-28.

- Cabral, Amílcar (1973), 'National Liberation and Culture', in *Return to the Source: Selected speeches of Amílcar Cabral edited by Africa Information Service*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 39-56.
- Cabral, Amílcar; Olivier, Marc (1975), *The War in Angola: A socio-economic study*. Dar Es Salam. Disponível em http://www.fmsoares.pt/aeb_online/visualizador.php?bd=BIBLIOTECA_DIGITAL&nome_da_pasta=019050&numero_da_pagina=133. Consultado a 13 de Julho de 2012.
- Caetano, Marcello (1969a), *Somos Todos Portugueses Iguais à Face da Pátria e Iguais à Face da Lei (discursos pronunciados durante a viagem à Guiné, Angola e Moçambique, em Abril de 1969)*. Lisboa: Secretaria de Estado da Informação e Turismo.
- Caetano, Marcello (1969b), *Portugal Não Pode Ceder (discurso pronunciado no Palácio das Necessidades em 6 de Outubro de 1969)*. Lisboa: SEIT.
- Caetano, Marcello (1970), *Revisão Constitucional (Discurso proferido perante a Assembleia Nacional, a 2 de Dezembro)*. Lisboa: SEIT.
- Caetano, Marcello (1976), *O 25 de Abril e o Ultramar: Três entrevistas e alguns documentos*. Lisboa: Verbo.
- Cann, John P. (1998), *Contra-Insurreição em África, 1961-1974. O modo português de fazer a guerra*. S. Pedro do Estoril: Edições Atena.
- Cann, John P. (2001), 'Um Notável Feito de Armas', in Teixeira, Rui de Azevedo (org.), *A Guerra Colonial: Realidade e ficção. Livro de Atas do Iº Congresso Internacional*. Lisboa: Editorial Notícias, 129-140.
- Cardina, Miguel (2011), *Margem de Certa Maneira. O maoísmo em Portugal (1964-1974)*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Castelo, Cláudia (2004), 'A migração de Metropolitanos para Angola e Moçambique (1945-1974)', Comunicação apresentada no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, *A questão social no novo milénio*. Coimbra, 16-18 de Setembro de 2004.
- Castelo, Cláudia (2007), *Passagens para África. O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole*. Porto: Afrontamento.
- Castilho, Rui de (2002), *O Capitão do Fim*. Lisboa: Prefácio.
- Castro, José Victor de Brito Nogueira e (2004), *Era Tempo de Morrer em África. Angola, guerra e descolonização. 1961-1975*. Lisboa: Prefácio.
- Caveiro, Camilo Sarmiento (1998), *Moçambique Meu Amor. 1498-1975. O trágico e o grotesco. Um testemunho contra a mentira da 'exemplar descolonização'*. E-Book. Disponível em www.macua.org/livros/caveira.html. Consultado a 10 de Junho de 2011.
- Cerezales, Diego Palacios (2011), *Portugal à Coronhada. Protesto popular e ordem pública nos séculos XIX e XX*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Césaire, Aimé (1978 [1955]), *Discurso sobre o Colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa.
- Chilcote, Ronald H. (1972), *Emerging Nationalism in Portuguese Africa: Documents*. Stanford: Hoover Institution Press.
- Coccia, Giancarlo (2011), *A Cauda do Escorpião – O adeus a Moçambique*. Lisboa: Vertente.
- Cock, Jacklyn; Nathan, Laurie (orgs.) (1989), *War and Society: The militarization of South Africa*. Cidade do Cabo: New Africa Books.

- Coelho, João Paulo Borges (1983), *Protected Villages and Communal Villages in the Mozambican Province of Tete (1968-1982): A history of state resettlement policies, development and war*. University of Bradford, Ph.D. Thesis.
- Coelho, João Paulo Borges (1989), *Início da Luta Armada em Tete, 1968-1969. A primeira fase da guerra e a reação colonial*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.
- Coelho, João Paulo Borges (2002), 'African Troops in the Portuguese Colonial Army, 1961-1974: Angola, Guinea-Bissau and Mozambique', *Portuguese Studies Review*, 10 (1): 129-150.
- Coelho, João Paulo Borges (2003), 'Da Violência Colonial Ordenada à Ordem Pós-Colonial Violenta: Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colónias portuguesas', *Lusotopie* 2003: 175-193.
- Coelho, João Paulo Borges (2009), *A 'Literatura Quantitativa' e a Interpretação do Conflito Armado em Moçambique (1976-1992)*. Trabalho apresentado à Conferência Internacional Pobreza e Paz nos PALOP. Lisboa: Centro de Estudos Africanos ISCTE-IUL, Novembro de 2009.
- Coelho, João Paulo Borges (2010), 'Memory, History, Fiction. A note on the politics of the past in Mozambique'. Trabalho apresentado às *Journées d'étude 'Il était une fois les indépendances africaines... La fin des empires?'* Paris: EHESS Outubro de 2010.
- Correia, Paulo (2007), *Political Relations Between Portugal and South Africa from the End of the Second World War until 1974*. Johannesburg: University of Johannesburg, Tese de Doutoramento.
- Correia, Paulo; Verhoef, Grietjie (2009), 'Portugal and South Africa: Close allies or unwilling partners in Southern Africa during the cold war?', *Scientia Militaria – South African Journal of Military Studies*, 37 (1): 50-72.
- Costa, Artur (2000), 'O Julgamento da PIDE/DGS e o Direito (Transitório) à Memória', in Iva Delgado, Manuel Loff, António Cluny, Carlos Pacheco e Ricardo Monteiro (orgs.), *De Pinochet a Timor Lorosae. Impunidade e direito à memória*. Lisboa: Edições Cosmos e Fundação Humberto Delgado, 39-53.
- Couto, Fernando Amado (2011), *Moçambique, 1974. O fim do império e o nascimento da nação*. Lisboa: Caminho.
- Cruz, Pompílio da (1976), *Angola. Os vivos e os mortos*. Lisboa: Editorial Intervenção.
- Davies, Robert (1989), 'The SADF's Covert War Against Mozambique', in Jacklyn Cock e Laurie Nathan (orgs.), *War and Society. The militarization of South Africa*. Cidade do Cabo: David Philip, 103-115.
- Domingos, Nuno (2009), 'Memória Nacional e Cultura Mediática', *Le Monde Diplomatique*, n.º 35, Setembro de 2009.
- Domingos, Nuno; Pereira, Victor (orgs.) (2010), *O Estado Novo em Questão*. Lisboa: Edições 70.
- Dugos, Carlos (1975), *Descolonização: O malogro de dois planos*. Lisboa: Edições Acrópole.
- Duffy, James (1967), *A Question of Slavery: Labour policies in Portuguese Africa and the British protest, 1850-1920*. Oxford: Oxford University Press.
- El-Khawas, Mohammed A.; Cohen, Barry (orgs.) (1976), *National Security Study Memorandum 39: The Kissinger study of Southern Africa*. Westport: Lawrence Hill.
- Ellert, Henrik (1993), *The Rhodesian Front War: Counter-insurgency and guerrilla war in Rhodesia. 1962-1980*. Gweru: Mambo Press.

- Estado-Maior do Exército (1989a), 'Dispositivo das Nossas Forças – Angola', in *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, 2º volume. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército (1989b), 'Dispositivo das Nossas Forças – Guiné', in *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, 3º volume. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército (1989c), 'Dispositivo das Nossas Forças – Moçambique', in *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, 4º volume. Lisboa: EME.
- Evans, Michael (1985), 'The Front-Line States, South Africa and Southern African Security: Military prospects and perspectives', *Zambezia*, 12: 1-19.
- Ferreira, José Medeiros (1993), 'A Descolonização: Seu processo e consequências' in José Mattoso (org.), *História de Portugal. Portugal em transe*. Vol. VIII. Lisboa: Círculo de Leitores, 53-103.
- Ferreira, Vicente (1944), *Colonização Étnica da África Portuguesa*. Estudo apresentado ao IIº Congresso da União Nacional, Lisboa.
- Filho, Sílvio de Almeida Carvalho (s/d), *As Relações Étnicas em Angola: As minorias branca e mestiça (1961-1992)*. Fórum de quadros angolanos e angolanistas. Disponível em http://www.angolanistas.org/ZAZprincipal/r_etnicas.htm. Consultado a 9 de Julho de 2012.
- Flower, Ken (1987), *Serving secretly: An intelligence chief on record*. Alberton: Galago.
- Fanon, Frantz (1961), *Les Damnés de la Terre*. Paris: François Maspero.
- Gaspar, José Martinho (2001), *Os Discursos e o Discurso de Salazar*. Lisboa: Prefácio.
- Geldenhuis, Deon (1981), *The Constellation of Southern African States and the Southern African Development Coordination Council: Towards a new regional stalemate?* Braamfontein: The South African Institute of International Affairs.
- Gleijeses, Piero (2002), *Conflicting Missions. Havana, Washington, and Africa: 1959-1976*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- Gominho, Adriano (2006), *Descolonização Exemplar ou Gaivotas que Voam*. E-Book. Disponível em www.retornadosdeafrika.blogspot. Consultado a 10 de Junho de 2011.
- Gonçalves, Custódio (2003), *Tradição e Modernidade na (re)Construção de Angola*. Porto: Afrontamento.
- Goulão, José (1986), *O Labirinto da Conspiração*. Lisboa: Caminho.
- Guardiola, Nicole (2009), 'A Aliança Secreta do Apartheid, Rodésia e Portugal', *África 21*, edição de junho: 17-25.
- Guerra, João Paulo (1988), *Os 'Flechas' Atacam de Novo*. Lisboa: Caminho.
- Hartog, François (2003), *Régimes d'Historicité. Presentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil.
- Hacking, Ian (1996), 'Memory Sciences, Memory Politics', in Paul Antze; Michael Lambek (orgs.), *Tense past: cultural essays in trauma and memory*. Nova Iorque: Routledge.
- Heimer, Franz Wilhem (1980), *O Processo de Descolonização em Angola, 1974-1976*. Lisboa: Edições A Regra do Jogo.
- Hobsbawm, Eric J. (1995), *A Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed.
- Instituto Nacional de Estatística (2001), *Estatísticas Históricas Portuguesas*. Lisboa: INE.
- Isaacman, Allen; Isaacman, Barbara (1983), *Mozambique: From colonialism to revolution, 1900-1982*. Boulder: Westview Press.
- Jardim, Jorge (1976), *Moçambique: Terra Queimada*. Lisboa: Editorial Intervenção.
- Jelin, Elizabeth (1994), 'The Politics of Memory: The human rights movement and the construction of democracy in Argentina', *Latin American Perspectives*, 21 (2): 38-58.

- Jesus, José Duarte (2012), *A Guerra Secreta de Salazar em África*. Lisboa, D. Quixote.
- Judt, Tony (2002), 'The Past is Another Country: Myth and memory in post-war Europe', in Jan-Werner Müller (org.), *Memory and Power in Post-War Europe. Studies in the presence of the past*. Cambridge: Cambridge University Press, 157-183.
- Judt, Tony (2010), 'De Quem é Esta História? Retrospectiva da guerra fria', in *O Século XX Esquecido: Lugares e memórias*. Lisboa: Edições 70, 374-388.
- Leite, Joana Pereira (2001), 'Indo-Britanniques et Indo-Portugais: Présence marchande au Sud de Mozambique au moment de l'implantation du système colonial, de la fin du XIXème siècle jusqu'aux années 1930'. *Outre-Mers, Revue d'Histoire*, 1er semestre, 13-37.
- Leys, Colin; Saul, John S. (orgs.) (1995), *Namibia's Liberation Struggle. The two-edged sword*. Londres: James Currey.
- Lubkemann, Stephen C. (2003), 'Race, Class, and Kin in the Negotiation of 'Internal Strangerhood' among Portuguese Retornados, 1975-2000', in Andrea L. Smith (org.), *Europe's Invisible Migrants*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 75-93.
- Mabeko-Tali, Jean-Michel (2001), *Dissidências e Poder de Estado: O MPLA perante si próprio (1962 - 1977)*. 2º volume. Luanda: Editorial Nzila.
- Machado, José (1899), *Fornecimento d'Armas aos Matabelles, Zambesia Britanica e o territorio dos Swasis*. Lisboa, Typographia do Commercio de Portugal.
- Machel, Samora (1977), *A Vitória Constrói-se, A Vitória Organiza-se*. Maputo: Departamento do Trabalho Ideológico da FRELIMO.
- MacQueen, Norrie (1997), *The Decolonization of Portuguese Africa. Metropolitan revolution and the dissolution of empire*. Londres: Longman.
- Maharaj, Mac (1990), 'Determinantes Internas da Política Externa de Pretória', *Estudos Moçambicanos*, 7: 95-118.
- Marques, Silvino Silvério (2010), *Qual de Nós Terá Razão?* Lisboa: Prefácio.
- Martins, Hermínio (1998), *Classe, Status e Poder*. Lisboa: ICS.
- Mateus, Dalila Cabrita (1999), *A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*. Mem Martins: Inquérito.
- Maxwell, Kenneth (1985), 'As Colónias Portuguesas e a sua Descolonização', *Revista Crítica de Ciências Sociais*, números 15/16/17: 529-547.
- M'Bokolo, Elikia (2007). *África Negra. História e Civilizações - Do século XIX aos nossos dias* (vol. 2). Lisboa: Edições Colibri.
- Mcmillan, Harold (1972), *Pointing the Way, 1959-1961*. Londres: Macmillan, 473-482.
- Meneses, Maria Paula (2010), 'O «Indígena» Africano e o «Colono» Europeu: a construção da diferença por processos legais', *e-Cadernos do CES*, 7: 68-93.
- Meneses, Maria Paula (2011), 'Images Outside the Mirror? Mozambique and Portugal in world history', *Human Architecture*, 9: 121-137.
- Mesquitela, Clotilde (1977), *Moçambique: 7 de Setembro. Memórias da Revolução*. Lisboa: Edições A Rua.
- Middlemas, Keith (1975), *Cabora Bassa: Engineering and politics in Southern Africa*. Londres: Weidenfeld and Nicolson.
- Minter, William (1988), *King Solomon's Mines Revisited: Western interests and the burdened history of Southern Africa*. Nova Iorque: Basic Books.

- Minter, William; Schmidt, Elizabeth (1988), 'When Sanctions Worked: The case of Rhodesia reexamined', *African Affairs*, 87 (347): 207-237.
- Minter, William (1998a), *Os Contras do Apartheid: As raízes da guerra em Angola e Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.
- Minter, William (1998b), *The Mozambican National Resistance (Renamo) as Described by Ex-Participants*. Washington DC: Research Report Submitted to the Ford Foundation and SIDA.
- Moiane, José P. (2009), *Memórias de um Guerrilheiro*. Maputo: King Ngungunhane Institute.
- Mondlane, Eduardo (1976 [1969]), *Lutar por Moçambique*. Maputo: Coleção 'Nosso Chão'.
- Morris, Michael Spence L. (1974), *Armed Conflict in Southern Africa: A survey of regional terrorisms from their beginnings to the present, with a comprehensive examination of the Portuguese position*. Cidade do Cabo: Jeremy Spence.
- Nelson, Harold (1983), *Zimbabwe: A country study*. Washington DC: The American University.
- Nogueira, Franco (1961), *As Nações Unidas e Portugal*. Rio de Janeiro: Olímpica Editora.
- Nogueira, Franco (1987), *O Estado Novo*. Barcelos: Livraria Civilização Editora.
- Nogueira, Franco (2000a), *Salazar. A Resistência (1958-1964)*. Volume V. Barcelos: Companhia Editora do Minho. (Artigo retornados)
- Nogueira, Franco (2000b), *Salazar, O Último Combate (1964-1970)*. Volume VI. Barcelos: Companhia Editora do Minho. (Artigo Introdução)
- Nogueira, Franco (2000c), *Um Político Confessa-se (Diário: 1960-1968)*. Porto: Civilização. (Artigo retornados)
- Nussey, Wilf (1972), 'The War in Tete, A threat to all in Southern Africa', *Johannesburg Star*, July 1 edition.
- O'Brien, Kevin A. (2011), *The South African Intelligence Services: From apartheid to democracy, 1960-2005*. Nova Iorque: Routledge.
- Okoth, Assa (2006), *A History of Africa 1915-1995 (vol. 2)*. Nairobi: East African Educational Publishers.
- Oliveira, Bernardino (org.) (1978), *Aqui (Portugal) Moçambique*. Famalicão: Edição do Autor.
- Oliveira, Mário António Fernandes de et al. (org.) (1979), *A Descolonização Portuguesa: Aproximação ao seu estudo*, 2º volume. Aveiro: Instituto Democracia e Liberdade.
- Oliveira, Pedro Ayres de (2007), *Os Despojos da Aliança: A Grã-Bretanha e a questão colonial portuguesa (1945-1975)*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Onslow, Sue (2009), 'Introduction', in Sue Onslow (org.) *Cold War in Southern Africa: White power, black liberation*. Londres: Routledge, 1-8.
- Pélissier, René (1986), *História das Campanhas de Angola. Resistências e revoltas, 1845-1941*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa.
- Pélissier, René (2000), *História de Moçambique. Formação e oposição, 1854-1928*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Penvenne, Jeanne Marie (1995), *African Workers and Colonial Racism: Mozambican strategies and struggles in Lourenço Marques*. Londres: James Currey.
- Peralta, Elsa (2011), 'Conspirações de Silêncio: Portugal e o fim do império colonial', *Le Monde Diplomatique*, n.º 52, edição de Fevereiro de 2011.

- Pimenta, Fernando Tavares (2004), 'Ideologia Nacional dos Brancos Angolanos (1900-1975)'. Comunicação apresentada no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, *A Questão Social no Novo Milénio*. Coimbra, 16-18 de Setembro de 2004.
- Pimenta, Fernando Tavares (2005), *Branco de Angola. Autonomismo e nacionalismo (1900-1961)*. Coimbra: Minerva História
- Pimentel, Irene Flunser (2007a), *A História da PIDE*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pimentel, Irene Flunser (2007b), 'A Memória Pública da Ditadura e da Repressão', *Le Monde Diplomatique*, edição portuguesa de fevereiro de 2007.
- Pinto, António Costa (2004), 'Ajustando Contas com o Passado na Transição para a Democracia em Portugal', in Alexandra Barahona de Brito, Carmen González-Enríquez e Paloma Aguilar Fernández (orgs.), *Política da Memória. Verdade e justiça na transição para a democracia*. Lisboa: ICS, 87-108.
- Pires, Rui Pena; Maranhão, Maria José; Quintela, João P.; Moniz, Fernando; Pisco, Manuela, (1987), *Os Retornados: Um estudo sociográfico*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Pollak, Michael (1993), *Une Identité Blessée*. Études de sociologie et d'histoire. Paris: Éditions Métailie.
- Pratt, Marie Louise (2008), *Imperial Eyes: Travel writing and transculturation*. Nova Iorque: Routledge.
- Quintais, Luís (2000), 'Trauma e Memória: Um exercício etnográfico', *Etnográfica*, 4 (1): 61-88.
- Raimundo, Filipa Alves (2007), *The Double Face of Heroes. Transitional justice and the political police (PIDE/DGS) in Portugal's democratization (1974-1976)*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, através do Instituto de Ciências Sociais. Lisboa.
- Reis, Carlos S. (1973), *A População de Lourenço Marques em 1894 (um censo inédito)*. Lisboa: Centro de Estudos Demográficos – Instituto Nacional de Estatística.
- Rhoades, Eschel (1968), *The Third Africa*. Nova Iorque: Twin Circle.
- Ribeiro, Margarida Calafate (2004), *Uma História de Regressos. Império, guerra colonial e pós-colonialismos*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, Margarida Calafate; Vecchi, Roberto (orgs.) (2011), *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rita-Ferreira, António (1998), 'Moçambique post-25 de Abril: Causas do êxodo da população de origem europeia e asiática', in *Moçambique, cultura e história de um país*. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 121-169.
- Rocha, Edgar (1977), 'Portugal, Anos 60: Crescimento económico acelerado e papel das relações com as colónias', *Análise Social*, 13 (51): 593-617.
- Rocha, Edmundo (2009), *Angola: Contribuição ao estudo da génese do nacionalismo moderno angolano (período de 1950 a 1964)*. Lisboa: Dinalivro.
- Rosaldo, Renato (1989a), *Culture and Truth: The remaking of social analysis*. Londres: Routledge.
- Rosaldo, Renato (1989b), 'Imperialist Nostalgia', *Representations*, 26: 107-122.
- Rosas, Fernando (1994), 'O Estado Novo (1926 – 1974)', in José Mattoso (org.), *História de Portugal. O Estado Novo (1926 – 1974)*. 7º volume. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Rosas, Fernando (2007), 'Prefácio', in João Madeira, Irene Flunser Pimentel e Luís Farinha (orgs.), *Vítimas de Salazar. Estado Novo e violência política*. Lisboa: Esfera dos Livros, 15-30.

- Rosas, Fernando; Pimentel, Irene Flunser; Madeira, João; Farinha, Luís; Rezola, Maria Inácia. (2009), *Tribunais Políticos. Tribunais militares especiais e tribunais plenários durante a ditadura e o Estado Novo*. Lisboa: Temas e Debates.
- Ruas, Henrique Barrilaro (s/d), *A Revolução das Flores: O governo de Palma Carlos*. Lisboa: Editorial Aster.
- S/a (1973), *Os Massacres de Mucumbura, Chawola, Wiriyamu e Juwau: Missionários apoiam a luta do povo moçambicano*. S/l, texto policopiado.
- Saavedra, Ricardo de (1975), *Aqui Moçambique Livre!*. Johannesburg: Livraria Moderna.
- Salazar, António de Oliveira (1959), 'Discurso de 22 de Maio de 1939', in *Discursos e Notas Políticas*. Volume III. Coimbra: Coimbra Editora.
- Salazar, António de Oliveira (1967), 'A Política de África e os Seus Erros (discurso pronunciado por Sua Excelência o Presidente do Conselho, Doutor Oliveira Salazar, na Homenagem prestada pelos Municípios de Moçambique, em 30 de Novembro de 1967)', *Boletim Geral do Ultramar*, 43 (509-510): 3-17.
- Santos, Boaventura de Sousa (1995), *Toward a New Common Sense: Law, science and politics in the paradigmatic transition*. New York: Routledge.
- Santos, Boaventura de Sousa (2000), *A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, Boaventura de Sousa (2001), 'Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-colonialismo e Inter-identidade', in Maria Irene Ramalho; António Sousa Ribeiro (orgs.), *Entre Ser e Estar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, Boaventura de Sousa (2002), 'Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências', *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63: 237-280.
- Santos, Boaventura de Sousa (2004) (org.), *A Fita do Tempo da Revolução: A noite que mudou Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (2006), *Identidades, Colonizadores e Colonizados: Portugal e Moçambique*. Relatório Final do Projecto POCTI/41280/SOC/2001. Coimbra: CES, Universidade de Coimbra.
- Santos, Boaventura de Sousa (2007), 'Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes', *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78: 3-46.
- Santos, Boaventura de Sousa (2009). 'Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes', in Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 23-71.
- Santos, Boaventura de Sousa (2013), *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. Coimbra: Edições Almedina.
- Sarlo, Beatriz (2007), *Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Saunders, Christopher (2011), 'The South Africa-Angola Talks, 1976-1984: A little-known cold war thread', *Kronos*, 37 (1): 104-119.
- Shamuyarira, Nathan (1977), 'The Lusaka Manifesto Strategy of OAU States and its Consequences for the Freedom Struggle in Southern Africa', *Utafiti: Journal of the Faculty of Arts and Social Science*, 2 (2): 247-266.
- Shubin, Vladimir (2008), *The Hot Cold War. The USSR in Southern Africa*. Scottsville: The University of Kwazulu-Natal Press.

- Smith, Andrea L. (2003), 'Introduction: Europe's invisible migrants', in Andrea L. Smith (org.), *Europe's Invisible Migrants*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 9-32.
- Smith, Ian Douglas (1997), *The Great Betrayal. The memoirs of Ian Douglas Smith*. Londres: Blake.
- Souto, Amélia Neves (2007), *Caetano e o 'Ocaso' do Império: Administração e guerra colonial em Moçambique durante o marcelismo (1968-1974)*. Porto: Afrontamento.
- Soutelo, Luciana de Castro (2009), *A Memória do 25 de Abril nos Anos do Cavaquismo: O desenvolvimento do revisionismo histórico através da imprensa (1985-1995)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dissertação de mestrado em História Contemporânea.
- Spínola, António (1974), *Portugal e o Futuro*. Lisboa: Ática.
- Stiff, Peter (1999), *The Silent War: South African Recce operations, 1969-1994*. Alberton: Galago.
- Stora, Benjamin (2008), 'Préface', in Pascal Blanchard e Isabelle Veyrat-Masson (orgs.), *Les Guerres de Mémoires, la France et son histoire*. Paris: La Découverte, 7-28.
- Telo, António José (2003), 'Campanha de Moçambique', in Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (org), *Portugal e a Grande Guerra*. Lisboa: Diário de Notícias.
- Thiam, Iba Der; Mulira, James; Wondji, Christophe (1993), 'Africa and the Socialist Countries', in Ali A. Mazrui e Christophe Wondji (orgs.), *Africa Since 1935* (vol. 8). Berkeley: Heinemann, 798-828.
- Tomás, António (2007), *O Fazedor de Utopias: Uma biografia de Amílcar Cabral*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Traverso, Enzo (2011), *L'Histoire Comme Champ de Bataille. Interpréter les violences du XX siècle*. Paris: La Découverte.
- Traverso, Enzo (2012), *O Passado, Modos de Usar*. Lisboa: Edições UNIPOP.
- Valadão, Isabel (2012), *À Sombra do Imbondeiro. Estórias e memórias de África*. Lisboa: Bertrand.
- Valverde, Alfonso (1971), *As Chacinas de Mucumbura – Relatórios dos padres Alfonso e Martin*. S/l, texto policopiado.
- Viegas, Aida (2002), *Abandonar Angola. Um olhar à distância*. E-Book disponível em www.prof2000.pt/users/secjeste/aidaviegas/pg001090.html. Consultado a 10 de Junho de 2011.
- Villas, Gaspar do Couto Ribeiro (1929), *Os Portugueses na Colonização: Seu papel ao lado dos restantes povos no movimento colonizador – Esboço de história colonial*. Lisboa, Documento da Biblioteca da SGL.
- Welsh, Frank (2000), *A History of South Africa*. London: Harper Collins.
- Westad, Odd Arne (2007), *The Global Cold War: Third world interventions and the making of our times*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Young, Robert (2005), 'Postcolonialism: From Bandung to the tricontinental', *Historien*, 5: 11-21.

Fontes de Arquivo

- Arquivo da Defesa Nacional (ADN)
- Arquivo Histórico Diplomático/Fundo dos Negócios Estrangeiros (AHD/FNE)
- Forte de São Julião da Barra/Secretariado-Geral da Defesa Nacional (FSJB/SGDN), atualmente Arquivo da Defesa Nacional
- Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)

Através das suas contribuições ficamos a saber o que foi o Exercício Alcora — uma aliança secreta est. Mais de 50 anos após o início da Guerra Colonial portuguesa e das lutas de libertação, permanece ainda um vasto manto de interditos. O presente livro reúne contribuições de vários autores que se propuseram a mergulhar em arquivos largamente desconhecidos do grande público. Através das suas contribuições ficamos a saber o que foi o Exercício Alcora — uma aliança secreta estabelecida entre a África do Sul, a Rodésia e Portugal —, consideramos a complexidade das dinâmicas geoestratégicas no conte